

## Futebol é coisa de quem quiser? Uma análise da inserção feminina na prática esportiva em Tocantinópolis-TO

**Juliana Bezerra de Sousa**

Universidade Federal do Norte do Tocantins  
[juliana.bezerra@mail.uft.edu.br](mailto:juliana.bezerra@mail.uft.edu.br)

**Mayrhone José Abrantes Farias**

Universidade Federal do Norte do Tocantins  
[mayrhone@mail.uft.edu.br](mailto:mayrhone@mail.uft.edu.br)

**Adriano Lopes de Souza**

Universidade Federal do Norte do Tocantins  
[adriano.lopes@mail.uft.edu.br](mailto:adriano.lopes@mail.uft.edu.br)

Envio original: 26-01-2023. Revisões requeridas: 17-02-2023. Aceitar: 09-03-2023. Publicado: 16-10-2023.

---

### Resumo

O objetivo do estudo é compreender como ocorre o processo de iniciação da prática do futebol feminino no contexto tocantinopolino. Para tanto, foi utilizada a metodologia de campo, com abordagem qualitativa, na qual recorremos aos pressupostos do grupo focal como técnica de investigação e a análise de conteúdo como procedimento analítico. O público-alvo investigado foram quatro atletas amadoras de Futsal da cidade de Tocantinópolis. Os dados produzidos foram categorizados em três subtópicos: 1. Apito inicial: junto e misturado, mas desequilibrado; 2. Intervalo de jogo: marcação implacável; 3. Apito final: placar desfavorável, resiliência admirável. Os resultados apontaram que as jogadoras tiveram seus primeiros contatos com o futebol na rua, juntamente com os meninos e que tiveram que enfrentar uma série de preconceitos, inclusive por parte de familiares. Além disso, constata-se a reivindicação das participantes por uma maior assistência do poder público, tal como é destinada para o público masculino. Conclui-se que, apesar das dificuldades encontradas, o amor que elas sentem pelo esporte e a postura de resiliência adotada não deslegitimam a sua presença nos espaços correlatos à sua prática, mas, ao contrário, contribuem para que elas não esmoreçam e continuem exercendo o seu direito de praticá-lo.

**Palavras-chaves:** Futebol feminino; Grupo focal; Preconceito.

---

### Resumen

El objetivo del estudio es comprender cómo ocurre el proceso de iniciación de la práctica del fútbol femenino en el contexto de Tocantins. Para ello se utilizó la metodología de campo, con enfoque cualitativo, en la que se utilizaron los supuestos del grupo focal como técnica de investigación y el análisis de contenido como procedimiento analítico. El público objetivo investigado fueron cuatro atletas aficionados de Futsal de la ciudad de Tocantinópolis. Los datos producidos fueron categorizados en tres subtemas: 1. Silbido inicial: juntos y mixtos, pero desequilibrados; 2. Interrupción del juego: marcado implacable; 3. Silbato final: marcador desfavorable, resistencia admirable. Los resultados mostraron que los jugadores tuvieron sus primeros contactos con el fútbol en la calle, junto a los chicos y que tuvieron que enfrentarse a una serie de prejuicios, incluso de familiares. Además, existe un reclamo por parte de los participantes de una mayor asistencia por parte de las administraciones

públicas, ya que está destinado al público masculino. Se concluye que, a pesar de las dificultades encontradas, el amor que sienten por el deporte y la actitud de resiliencia adoptada no deslegitiman su presencia en los espacios relacionados con su práctica, sino que, por el contrario, contribuyen para que no se desanimen y continuar ejerciendo su función, su derecho a hacerlo.

**Palabras-clave:** Fútbol femenino; Grupo de enfoque; Preconcepción.

---

### **Abstract**

The objective of the study is to understand how the process of initiation of the practice of women's football occurs in the Tocantins context. For this purpose, field methodology was used, with a qualitative approach, in which we used the assumptions of the focus group as an investigation technique and content analysis as an analytical procedure. The target audience investigated were four amateur Futsal athletes from the city of Tocantinópolis. The data produced were categorized into three subtopics: 1. Initial whistle: together and mixed, but unbalanced; 2. Game break: relentless marking; 3. Final whistle: unfavorable score, admirable resilience. The results showed that the players had their first contacts with soccer on the street, along with the boys and that they had to face a series of prejudices, including from family members. In addition, there is a claim by the participants for greater assistance from the public authorities, as is intended for the male audience. It is concluded that, despite the difficulties encountered, the love they feel for the sport and the attitude of resilience adopted do not delegitimize their presence in spaces related to their practice, but, on the contrary, contribute so that they do not lose heart and continue exercising their role. your right to do so.

**Keywords:** Women's football; Focus group; Prejudice.

---

### **Introdução**

O futebol é um esporte que possui uma grande relevância em diferentes culturas ao redor do mundo. No cenário nacional, há, inclusive, um entendimento compartilhado socialmente de que o Brasil é o país do futebol. Afinal, embora suas origens estejam ligadas ao contexto inglês, argumenta-se costumeiramente que o Brasil é o país com maior número de títulos da Copa do Mundo, além de ser um dos maiores celeiros de craques do futebol mundial, incluindo aquele que é considerado como o maior jogador de todos os tempos: Edson Arantes do Nascimento, o Pelé.

De acordo com Daolio (2000), o Futebol é capaz de promover a vivência de uma série de situações e emoções que, em suma, são típicas dos brasileiros, justificando o alto poder simbólico que tal esporte foi adquirindo ao longo do tempo, passando a representar este povo de forma análoga a outros fenômenos nacionais, como o carnaval, por exemplo. Assim, o esporte bretão [originado na Bretanha, Inglaterra] passou a ser mundialmente conhecido como o esporte brasileiro, e o Brasil, por sua vez, conhecido em nível mundial como país do futebol (Souza et al., 2011).

A despeito dessas argumentações para justificar tal construção identitária, é forçoso reconhecer que o futebol feminino tem uma presença ainda discreta, quando fazemos menção à sua trajetória em nosso país (Franzini, 2005). Um exemplo emblemático e atual desta problemática é o caso da brasileira Marta, considerada internacionalmente como a maior jogadora de futebol de todos os tempos, chegando a ser eleita seis vezes a melhor do mundo (cinco de forma consecutiva), além de ser a

primeira jogadora de futebol da história a marcar em cinco edições seguidas dos Jogos Olímpicos. Entretanto, quando olhamos para o cenário nacional, essa caracterização parece-nos ser pouco propagada, enveredando-se não raras vezes para o esquecimento popular.

Portanto, observa-se que falar do futebol feminino é falar de preconceito e desigualdade, de um lado, e persistência e resistência, de outro. Conforme assinalado por Salvini e Marchi Júnior (2016), um recuo histórico nos mostra diferentes conflitos sociais envolvendo a mulher que pratica futebol, visto que as oportunidades no Brasil eram limitadas, além das questões pertinentes à sua feminilização.

Depois de aproximadamente 30 anos da liberação legal da prática do futebol por mulheres, constata-se que a modalidade passou por fases distintas, e que em todas elas o corpo das atletas, ou a forma de apresentação desses corpos, estava em voga. Durante pelo menos 20 anos (1980-2000), a apresentação de corpos normativamente femininos e a habilidade esportiva eram tidos como dicotômicos (Salvini; Marchi Júnior, 2016, p. 309).

De fato, as primeiras experiências das mulheres com a prática esportiva no contexto brasileiro se restringiam às modalidades que enfatizavam elementos que supostamente se coadunavam com os movimentos femininos, tais como a graça, a beleza e a leveza, os quais podem manifestar-se mais claramente em esportes como a natação, o tênis e o voleibol, por exemplo (Goellner, 2003). Já o Futebol, por sua vez, é um esporte cuja dinâmica possui contornos mais agressivos, isto é, marcada por um maior contato entre os praticantes (Damo, 2007a). Tal característica parece ter contribuído para a construção de uma narrativa histórica (e equivocada) de que a sua prática deveria ser destinada especialmente para os homens.

Nesse contexto, importa-nos sublinhar que a luta das mulheres pelo acesso igualitário à prática do futebol ainda é uma constante e tem sido um caminho gradual e árduo (Ferreira *et al.*, 2021), tal como também pode ser observado em outros âmbitos sociais, ratificando a relação simbiótica entre o esporte e a sociedade. Conforme pontuado por Rubio e Simões (1999, p. 51), “[...] o esporte [pode ser considerado] como uma tela onde se projetam os valores culturais de cada sociedade na qual ele é praticado, reproduzindo seus sistemas hierárquicos e também suas peculiaridades sociais”.

Nesse sentido, é preciso reconhecer a existência de algumas iniciativas em prol do crescimento da participação das mulheres no meio futebolístico, visando minimizar os prejuízos decorrentes de preconceitos enraizados. Dentre elas, pode-se citar a exigência que a CBF faz aos clubes masculinos da série A para que tenham pelo menos um time feminino desde o ano de 2019.

É importante pontuar, ainda, que o interesse acadêmico por esta temática também aponta para um avanço. Em um estudo recente, Ferreira *et al.*, (2021) analisaram a produção acadêmica brasileira nos principais periódicos nacionais da Educação Física, identificando um total de 12 artigos a respeito

do futebol/futsal feminino, com destaque para discussões sobre gênero, incentivos e preconceitos, incluindo inúmeras barreiras, físicas e sociais. Os autores advertem, porém, que tais publicações ainda correspondem a um número relativamente baixo quando comparados a outros esportes, denotando que o campo sobre o futebol/futsal feminino ainda está em processo de consolidação (Ferreira *et al.*, 2021).

Dessa forma, observa-se que a temática do futebol feminino é atual e socialmente relevante, incluindo os aspectos concernentes ao despertar do seu interesse e a sua respectiva trajetória no âmbito esportivo, pois, de acordo com Rubio e Simões (1999), o aumento do número de mulheres que praticam futebol no país não significa o fim do preconceito de gênero, justificando a necessidade de investigarmos como ocorre, por exemplo, a experiência das mulheres nesta prática.

Diante do exposto, a presente investigação visa responder à seguinte questão norteadora: como as mulheres vivenciam a prática de um esporte historicamente masculinizado? Assim, objetiva-se compreender como ocorre o processo de iniciação e vivência da prática do futebol<sup>1</sup> feminino no contexto tocantinopolino, incluindo um espectro de motivações, interesses, desafios e perspectivas.

Nesse sentido, compreende-se que os resultados apresentados nesse estudo poderão contribuir com a ampliação dos conhecimentos concernentes a referida temática na literatura, além de fornecer pistas para compreendermos as nuances que permeiam a adesão das mulheres pela prática futebolística em uma determinada realidade contextual.

## **Percurso metodológico**

A pesquisa realizada obedece às Diretrizes e Normas Regulamentares de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos estabelecidas pelas resoluções 196/96 e 251/97 do Conselho Nacional de Saúde. Para tanto, utilizou-se a metodologia de campo, com abordagem qualitativa, enfocando a perspectiva dos sujeitos a respeito do nosso objeto de estudo, incluindo suas crenças, opiniões, valores, etc. Ou seja, nessa abordagem, o ambiente natural corresponde a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador, por sua vez, o instrumento-chave (Prodanov; Freitas, 2013).

O público-alvo, por sua vez, é composto pelas atletas amadoras de Futsal de um time da cidade de Tocantinópolis, o qual já disputou algumas vezes o maior torneio dessa modalidade na cidade, nomeado “Copa Arena Beira Rio”. O referido time é composto por um total de seis atletas. Entretanto,

---

<sup>1</sup> Em consonância com a perspectiva de Altmann e Reis (2013), o Futebol é tratado nesse trabalho como jogos de bolas com os pés. Portanto, mesmo que, a rigor, a modalidade praticada seja o Futsal, nós optamos por manter esta nomenclatura. Afinal, sob uma perspectiva mais abrangente/fenomenal, ambas se referem a um importante fenômeno social que está fortemente presente em nossa cultura, independentemente do espaço de sua prática, podendo incluir, por exemplo, ruas, terrenos baldios, quadras, campos, etc.

após o contato com elas, apenas quatro apresentaram disponibilidade para participar dessa pesquisa, devolvendo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) devidamente assinado.

Para a produção de dados, recorreremos aos pressupostos do grupo focal como técnica de investigação, a partir da interação desenrolada pelos participantes, com a exposição de diferentes pontos de vistas, além de surgir novas perspectivas e reflexões sobre o assunto tratado (Gatti, 2005).

O grupo focal ocorreu no interior da quadra do Centro de Educação, Humanidades e Saúde de Tocantinópolis. Inicialmente, as participantes foram organizadas em um círculo (sentadas no chão da quadra), visando facilitar o processo interativo. Para tanto, foi feita uma breve introdução a respeito da proposta do Grupo Focal, esclarecendo que não existiam respostas certas ou erradas para os temas que seriam abordados, mas, apenas um espectro de vivências e perspectivas que poderiam ser comuns ou dissonantes. Assim, a mediação da pesquisadora intentava propiciar uma participação equilibrada entre elas, sempre primando pela liberdade entre a exposição de cada ponto de vista (Gatti, 2005).

Isto posto, lançamos mão de um roteiro com temas que giravam em torno da inserção das mesmas no esporte, como por exemplo, a participação e/ou interferência dos contextos familiar e escolar nesse processo, as possíveis referências e/ou inspirações de pessoas próximas (ou não), os desafios que eventualmente precisaram/precisam enfrentar para praticar o esporte, o apoio da comunidade tocantinopolina e as perspectivas futuras em relação ao mesmo. Importante sobrelevar que tal roteiro foi elaborado conforme orientação de Gatti (2005), isto é, como uma forma de mediar e estimular a discussão e não para engessá-la. Deste modo, dispomos da flexibilidade necessária para fazer alguns ajustes no transcorrer do processo interativo, com a abordagem de tópicos não previstos ou com o detalhamento de aspectos pouco explorados.

Durante toda a interação, utilizou-se o gravador de voz do celular, bem como anotações feitas pela pesquisadora referente a algumas informações ou comentários que pudessem servir posteriormente como base para análise dos resultados. A posteriori, procedemos com a descrição do diálogo na íntegra, otimizando, assim, o procedimento analítico, o qual foi estruturado a partir da análise de conteúdo de Bardin (2016).

Por fim, para garantir anonimato das atletas, destaca-se que os seus nomes originais foram substituídos por nomes fictícios. Deste modo, em concordância com a temática futebol feminino, optou-se por lhes atribuir nomes contendo as iniciais de atletas brasileiras que têm (ou tiveram) uma trajetória proeminente no futebol profissional, quais sejam: Cristiane, Formiga, Marta e Sissi.

## **Resultados e discussão**

Em consonância com o objetivo delineado alhures, os dados produzidos foram categorizados em três subtópicos, quais sejam: 1. Apito inicial: junto e misturado, mas desequilibrado; 2. Intervalo de jogo: marcação implacável; 3. Apito final: placar desfavorável, resiliência admirável.

Porquanto, observe-se que as categorias supracitadas retratam de forma alegórica uma partida de futebol, cujas protagonistas são as participantes desse estudo. Ou seja, o “apito inicial do jogo” representa o momento em que elas tiveram os primeiros contatos com o esporte; já o “intervalo de jogo”, por sua vez, corresponde ao momento em que elas já foram inseridas no mesmo e estão vivenciando uma diversidade de experiências e sentimentos correlatos; por fim, o “apito final”, não consiste no abandono da prática esportiva na rotina dessas mulheres, mas representa as perspectivas futuras em relação à sua prática.

#### *Apito inicial: junto e misturado, mas desequilibrado*

O primeiro ponto que chama a atenção nessa categoria diz respeito à adesão das mulheres pela prática futebolística. Por intermédio das falas das jogadoras, identifica-se que elas precisaram se juntar ao público masculino para conseguir dar os primeiros passos no esporte, cujos primeiros passes inevitavelmente não puderam ser feitos para outras meninas, evidenciando um nítido desequilíbrio nessa aparente mistura, conforme é possível observar nos seguintes excertos:

Eu comecei na rua, jogando bola travinha mesmo no meio da rua, com os meninos (Cris).

Eu comecei na rua também. Só com os meninos, porque as meninas não jogavam (For).

Eu também comecei na rua com os meninos, não tinha menina. A única menina era eu, no meio de macho lá (Mar).

Com base em Damo (2007b), a palavra rua tem um significado grandioso, o qual está ligado a um espaço aberto à diversidade de experiências corporais. Com efeito, tal característica parece ter sido favorável à participação de meninas nos jogos de futebol, ainda que quantitativamente desigual em relação aos meninos. Ademais, o referido espaço parece-nos suscitar, ainda, a possibilidade de argumentação e elaboração de preconceitos que espaços institucionalizados, como as escolas e os clubes, por exemplo, podem não comportar. Afinal, não raras vezes, tais espaços selecionam a priori quem irá jogar, renunciando uma prática mista entre meninas e meninos, conforme ilustrado pela organização de torneios e campeonatos (feminino e masculino).

Durante a interação do grupo focal com as atletas, observou-se a influência que um profissional de Educação Física tem, incentivando (ou não) a prática esportiva. No entanto, pode-se observar que

essa presença se fez mais pela disputa de campeonatos, tal como JET's (Jogos Escolares Tocantinense) e não necessariamente por intermédio de uma sistematização pedagógica nas aulas. Ora, tal dado encontra eco nas críticas elencadas por Bracht (1997) a respeito da difusão de aspectos do esporte de alto rendimento no contexto escolar, cuja ação docente assemelha-se muito mais a uma relação “treinador-atleta” do que uma relação “professor-aluno”. Com base no exposto, pode-se articular que a relação estabelecida entre os professores das participantes aparenta seguir tal lógica.

Além disso, é sempre reafirmado pelas participantes do grupo focal que precisavam lidar com a resistência dos colegas, até mesmo dentro da aula de Educação Física, cujo espaço espera-se que seja destinado para a vivência das práticas corporais de todos e todas. Entretanto, os relatos das participantes retratam que não haviam outras meninas jogando junto com elas nas aulas e que a intervenção dos respectivos professores ocorria somente no sentido de assegurar que elas pudessem estar presentes no meio dos meninos com o mínimo de segurança.

Assim, observa-se uma reafirmação de que a prática do futebol acontecia de forma conjunta com os meninos. No entanto, qualitativa e quantitativamente desigual. Na interação do grupo é possível notar que sempre vem à tona a questão da masculinidade no desporto, visto que existiam poucas meninas que queriam estar neste ambiente, até mesmo quando se tratava do contexto escolar. Nesse bojo, parece-nos ter faltado uma organização de aulas mais democráticas para as referidas participantes no tempo de escola, com atividades destinadas para fomentar a participação igualitária entre meninas e meninos nas diferentes práticas corporais.

Não obstante, em que pese a falta de um tratamento pedagógico do conteúdo futebol no contexto das referidas aulas, enfocando, por exemplo, o princípio da inclusão e da diversidade (Betti, 1991), é preciso reconhecer que a simples intervenção do professor em relação à menina que quisesse participar do jogo, de alguma maneira parece ter contribuído para promover (ou pelo menos para não restringir) a sua participação na prática do futebol, tal como ilustrado no seguinte relato:

Não tinha menina no meu tempo [que jogasse Futebol/Futsal], sempre jogando com os meninos, sempre, sempre, sempre. E eles ainda não queriam colocar ainda (risos), mas o professor ainda mandava, porque sempre, também, quer queira, quer não, sempre tinha o preconceito né? Por ser mulher. Mas dava certo. Com a ajuda do professor, dava certo (Mar).

Além da influência que as aulas de Educação Física exercem sobre a vidas dos alunos, a base familiar também é um fator de grande influência na adesão (ou não) das mulheres à prática esportiva, em um ambiente que historicamente foi considerado do homem. De acordo com Ferretti e Knijnik (2007), o corpo das mulheres representava uma escultura “sagrada” que não poderia praticar esporte,

pois a mulher era predestinada para ser a gestora da casa e ser mãe de gerações, cujo desporto supostamente colaboraria para descaracterização da sua feminilidade.

Partindo desse pressuposto, o olhar de pessoas da família, pode fazer total diferença, para quebrar paradigmas passados e que por vezes ainda se fazem presentes, ainda que de uma forma mais discreta. No entanto, essa iniciação pode ser novidade em casa e por vezes existir uma pequena barreira, tal como foi relatado pelas jogadoras:

No começo não, sempre teve aquela coisa de que futebol é coisa de menino, que eu só ia me machucar, que era pra mim escolher outra coisa, e até que viram que eu gostava daquilo ali (For).

[...] a única pessoa assim, no começo, que não me apoiava assim era minha mãe. Ela tinha assim, aquele certo preconceito que, futebol é coisa pra homem e tal, tudo mais (Mar).

Eu não tive apoio algum da minha família, na verdade, para dizer que não tive, tive do meu avô, enquanto ele estava em vida, o meu avô era quem me acompanhava. Minha mãe chegou a jogar minhas chuteiras fora, literalmente jogava fora (Sis).

Ora, quando vira-se o olhar para os relatos das garotas, é possível perceber o quanto o futebol/futsal é tratado como um esporte quase que hegemônico para homens. Tal entendimento parece ser construído, em grande medida, pelo fato de a sua dinâmica de jogo possuir contornos mais agressivos, em comparação com outros esportes que não pressupõem necessariamente o contato físico entre os praticantes (Damo, 2007a). Assim, observa-se que havia uma preocupação que pairava nos respectivos contextos familiares das jogadoras, sobretudo, em relação à figura materna: de que o futebol representaria uma ameaça à sua feminilidade ou a um ideal do ser feminino/a e, por extensão, de que as suas meninas inevitavelmente acabariam se machucando.

Esses dados são corroborados pelo estudo realizado por Jardim e Betti (2021) com atletas de uma equipe universitária do interior paulista, no qual constatou-se que as participantes sofreram uma série de discriminações ao longo de suas trajetórias na modalidade. Aqui, destaca-se uma forte resistência por seus familiares dentro de suas próprias casas, denotando que o futebol espelha o traço de masculinidade presente na própria sociedade brasileira, capaz de distorcer a imagem feminina (Jardim; Betti, 2021).

Por outro lado, na interação do grupo focal, também foi possível perceber que, por parte de alguns pais (figura paterna), houve um apoio importante para que suas filhas praticassem o esporte. Moura *et al.* (2017), relatam que o apoio da família, e principalmente quando se trata dos pais, é de suma importância para assegurar que a mulher consiga se firmar no esporte, pois fomenta proteção quando são rotuladas, a partir do momento que adentram no desporto.

O que minha mãe não me apoiou, meu pai apoiou em dobro, me apoiou até demais mesmo, e aí, é tanto que ele que dava a ordem, que ele sabia, ele entende. Ele também pratica o esporte e ele sabe o que é esse amor por esse esporte (Mar).

O meu pai foi assistir um JET'S meu e gostou, aí ficou. Daí eu tive uma proposta para jogar fora, e meu pai foi meu maior incentivador. Ele me ajudou a ir, não teve medo. Porque sempre tem medo, minha mãe teve muito medo de me mandar e ser outra coisa (For).

Desta forma, com base nos referidos relatos, parece-nos que a figura paterna significou, para estas atletas, um contraponto aos obstáculos inerentes à prática do Futebol, atenuando os processos que poderiam resultar na sua descontinuidade. Sobre este ponto, observe-se que tal apoio não perpassa necessariamente por uma questão sexista, mas, justifica-se em virtude dos conhecimentos e das experiências prévias desses sujeitos com o Futebol, seja compreendendo mais claramente o amor envolvido (como relatou a Mar), seja sabendo do que representava a oportunidade de performar em algum time (como indicou a For).

Diante desse cenário, as referidas atletas sabem que terão alguém que podem contar quando as barreiras incidirem sobre a sua experiência. Pois no âmbito esportivo em geral e no futebol feminino em particular, é fundamental ter pilares de apoio, sobretudo, ao considerarmos as questões emocionais correlatas à sua prática, com a necessária quebra do estereótipo de fragilidade (Goellner, 2005), bem como ao considerarmos o baixo investimento e baixa visibilidade do público e da mídia (Sardinha, 2011).

#### *Intervalo de jogo: marcação implacável*

Fora das quatro linhas que compõem um campo e uma quadra de Futebol e de Futsal, respectivamente, acontecem ações que, de uma forma figurada poderiam ser retratadas como uma marcação implacável que atravessa a adesão das mulheres pela prática do Futebol e se desenrola no processo de aceitação da sociedade a respeito da continuidade da sua prática, ou seja, levando-as a abandonar tal esporte precocemente.

Esse ponto emergiu com proeminência na interação do grupo focal, cujas participantes apontaram que tiveram que enfrentar uma série de resistências e preconceitos, inclusive por parte dos familiares, mostrando que, no que chamamos de “intervalo de jogo”, a marcação realmente apresenta-se como sendo rigorosa, implacável, conforme ilustrado nas seguintes narrativas:

[...] geral falava muito que, por jogar bola era menina macho, “ah, quer se tornar um homem”. Então, eu deixei de lado todo preconceito, apesar que, até dentro da minha

própria casa tinha gente que falava que, “ah, vai jogar bola, vai virar homem”, “vai começar a andar que nem macho agora” (Cris).

[...] eu fico nervosa... quando comecei a jogar torneios assim, a gente ouvia nas arquibancadas, o pessoal chamando de mulher-macho, “essa daí é homem”, num sei que. Aí comecei a me questionar, será se isso é realmente para mulher? [...] Porque todo mundo falava assim, e eu ouvia isso também da minha família, tipo, falava assim “isso é coisa para homem”, “tu vai virar homem”, “daqui uns dias, tu vai ser homem”, “isso é errado”, então, assim, eu comecei assim, me podar em relação ao futebol (Sis).

No momento em que o tema do preconceito de gênero emergiu na interação, observamos uma certa tensão corporal das participantes (buscando se acomodar melhor no chão da quadra), em especial, no tocante aos adjetivos preconceituosos atribuídos a elas apenas pelo fato de praticarem a modalidade. Nesse momento, uma delas logo entrevistou: “*Ah! sapatão né?*”. A partir daí, todas sorriram da situação e com o restabelecimento de um clima mais descontraído, se sentiram à vontade para resgatar algumas experiências, nas quais elas tiveram que lidar diretamente com a face do preconceito, conforme ilustrado nos relatos abaixo:

Vou falar um fato que aconteceu, na copa beira rio, (um ano atrás). Nós estávamos jogando lá, e tinha um cara lá fora que, falou assim “nesse time aí não escapa uma, tudo sapatão”. Isso nos deixa triste né?! É triste porque, não tinha só sapatão, tinha héteros, tinha jogadora que tinha filho e tudo mais. Isso acontece demais! (Mar).

A partir do momento que você joga bola, que você usa uma roupa diferente, que não seja cropped, que não seja um shortinho, um vestidinho, e você já usa uma blusa mais larga, um shortzinho mais despojado, porque quando você quer jogar bola, você muda um pouco seu estilo [...]. Você não vai para um torneio de vestido, daí você já recebe crítica, chamando de sapatão, porquelésbica, é um nomezinho bonito né?! É sapatão, é tamanco, caminhoneiro, pé grande e assim vai, a lista é grande (For).

Mediante ao apresentado, é possível notar que, ainda hoje a mulher que escolhe colocar uma chuteira no pé sofre com preconceitos sexistas, sobretudo, apontando para homossexualidade, corroborando com outros estudos da literatura (Guirra; Almeida, 2015; Jardim; Betii, 2021; Oliveira, 2014; Salvini; Junior, 2016).

Ora, apesar de estarmos em pleno século XXI, ainda existe a associação da imagem da mulher que joga futebol com o estereótipo pejorativo de “sapatão”. Alguns autores mostram que no Brasil por muito tempo existiu por parte da mídia brasileira a tentativa de sexualizar a mulher que jogava futebol para atrair os telespectadores, pois, quando não agradava o olhar masculino com a beleza, o “show” não acontecia e imediatamente havia discriminação (Souza; Capraro; Silva, 2017; Salvini; Junior, 2016).

No entanto, trazendo para atualidade, é perceptivo que, o futebol feminino tem tido uma movimentação maior no Brasil, cujas mulheres, consideradas outrora “[...] como usurpadora ou profanadora de um espaço consagrado ao usufruto masculino” (Rubio; Simões, 1999, p. 50), não se

furtam de lutar para acessá-lo de forma igualitária. De acordo com as jogadoras, é possível sim ver uma diferença comparando a tempos passados, muito embora ainda exista muita coisa a ser feita, começando pela realidade contextual em que estão inseridas, conforme observa-se nos seguintes relatos:

Eu acho que, apesar de muita coisa ter melhorado, muita coisa assim, de 100% talvez, uns 30% talvez. Mas a gente tira daqui nosso time, nosso time é um time de mulheres da cidade, mas a partir do momento que, você pede apoio das pessoas da sua cidade, você não tem (Cris).

[...] eles [atletas masculinos] sempre acabam recebendo mais vantagens do que nós. Inclusive nos torneios, a premiação é absurda para os meninos, e para as meninas é uma coisa mais simbólica. Essa última foi uma coisa até mais razoável, se for comparado com os anos anteriores, é uma coisa assim, a diferença, e vamos ter uma premiação para os meninos de R\$ 3.000 reais e para as meninas você tinha R\$ 1.200, 1.000 (Sis).

Melhorou? Um pouco, não bastante, longe de onde deveria né?! Acredito. Mas ainda tem muita coisa para melhorar, e é o seguinte, a gente não pode se calar, não pode. Eu sempre bato de frente com o secretário de esporte, com os patrocinadores, porque realmente, ainda é uma humilhação grande para pedir patrocínio, uma humilhação grande mesmo pra conseguir pra gente ir pra torneio. E o pior é que quando a gente consegue, somos nós que somos campeãs (Mar).

Nesse bojo, Moraes (2014) nos adverte acerca de alguns fatores que acompanharam a história do futebol feminino no Brasil, com destaque justamente para a violência econômica (relacionando-se sensivelmente com a falta de investimentos, incentivos e patrocinadores) e para a violência moral (calcada na exigência de resultados favoráveis, mesmo sendo presente dificuldades estruturais). Ora, no caso da presente pesquisa foi perfeitamente possível notar tais violências se manifestando nos relatos das participantes, cuja possibilidade de utilizarem o futsal/futebol como elo para melhorar seu perfil socioeconômico era reduzida, tal como faziam as jogadoras investigadas no estudo de Souza e Martins (2018), por exemplo.

Ainda é perceptivo que o amadorismo o futebol feminino tem engatinhado, na tentativa de obter o seu espaço. A situação ainda é delicada quando se analisa marcadores sociais mais de perto, se tornando preocupante o fato de uma cidade que é reconhecida como umas das grandes influenciadoras do esporte no bico do papagaio do Tocantins não ter políticas públicas que amparem o verdadeiro espaço da mulher no desporto.

Nesse sentido, é relevante ressaltar que um espectro de impedimentos (incluindo questões sociais, políticas e econômicas) concorrem com a difusão da prática do futebol feminino, com igualdade de direitos e valorização social, reverberando em uma questionável representatividade das mulheres no cenário nacional, no suposto país do futebol. Destaca-se que tal conjuntura contrasta com a realidade

de países como os Estados Unidos e o Canadá (Moura, 2005), denotando que no “intervalo de jogo” do futebol feminino no Brasil e, mais especificamente, no contexto investigado, a marcação tem sido realmente dura, acirrada, implacável.

*Apito final: placar desfavorável, resiliência admirável*

Ao nos aproximarmos da etapa final dessa partida alegórica do futebol feminino no Brasil, nos deparamos com um conjunto de resistências e de novos caminhos a serem trilhados, embora ainda se observe uma situação desigual. No entender das participantes do grupo focal, tal desigualdade é latente e perpassa, dentre outras coisas, pela própria anuência daqueles que trabalham com o esporte público, assim como é possível perceber nos excertos abaixo:

Quando a gente chega lá [secretaria de esporte] pra conversar, já é recebido na patada [...], já é um olhar torto, já é um barulhinho aqui, outro ali, isso por causa das cobranças que a gente tem (Cris).

[...] já conversei com o prefeito, é tão tanto que, a secretaria de esporte só tem homens lá, como é que vão saber a necessidade feminina se não tem uma mulher para nos representar lá dentro? Mas não tem, véi! E isso me deixa muito triste, já conversei demais com ele, e vou bater de frente de novo, tem que ter uma mulher lá dentro (Mar).

De fato, constata-se que os assuntos relacionados às políticas públicas foram alvo de indignação das participantes. Tal como apontado por Follmann, Schwegber e Brachtvogel (2020), a promoção das experiências corporais da mulher com o esporte não deve ser apenas uma responsabilidade do professor de Educação Física no contexto escolar, mas, do poder público em geral e da secretaria de esporte, em particular.

Nesse sentido, importante ressaltar que as próprias jogadoras mencionaram um conjunto de sugestões que, no entender delas, poderiam ajudar a desenvolver melhor as suas experiências corporais, mais especificamente, na prática do futebol/futsal, conforme observa-se abaixo:

Eles [representantes do poder público municipal] poderiam apoiar fazendo projetos, escolinha de futebol feminino, eles poderiam ceder materiais esportivos, eles poderiam ceder uma das dez quadras só para o feminino separado dos meninos. Porque toda vez que te menina tem confusão, toda vez que tem menina tem um falatório, porque não vou nem chamar de homem, porque para mim não é homem, sempre tem assédio (Cris).

Você pega uma cidade que tem uma sede [do Tocantinópolis Esporte Clube], nós temos um complexo que é a sede, ela tem o campo principal, que é o João Ribeiro, e tem os campos auxiliares de fora, tem estrutura para piscina, tem campo *society*, tem

uma quadra que está desativada há anos, você tem um espaço que dá para você fazer uma seleção [feminina], treinar mesmo, time mesmo da cidade, tem um time masculino. Lá tem um alojamento, então por que não tem um time feminino? por que não incentiva o futebol feminino? (Sis).

Com base nos relatos acima, percebe-se que o desejável protagonismo da mulher no futebol ainda está longe de acontecer no contexto investigado, implicando sobremaneira em uma atitude de superação. No entender de Corrêa, Silva e Masullo (2015), as mulheres decididas a começar e a continuar jogando futebol precisam estar preparadas para enfrentar as inúmeras barreiras proporcionadas pelo preconceito de gênero. Corroborando com tais dados, o estudo de Borges *et al.*, (2006), identificou que as atletas participantes demonstram capacidade de superação de obstáculos para continuar no futebol. Outrossim, com base nos relatos das participantes, pode-se inferir que o sentimento delas também pode apresentar-se como resistência, ou ainda, como resiliência, tal como pode-se verificar nos relatos a seguir:

A partir do momento que você põe na sua cabeça que sua orientação não vai interferir se você jogar bola, se você quiser, você vai jogar bola, gostando e você vai gostar mesmo sem você jogar bola, aí você põe na sua cabeça: “não, eu devo fazer isso e não vou ligar”. Então sempre foi muito de boa, gostei, é uma terapia, né? (For).

[...] me entristeceu bastante, me entristeceu, mas não me desmotivou. Me dá mais motivo ainda para estar lá, para estar brigando, para estar ganhando, porque meu time ganha e o dele [antigo patrocinador] não ganha, para mostrar que meu time ganha, para mostrar que eu tenho troféus de vencedora de primeiro lugar e ele não tem (Cris).

Em face do exposto, é preciso ter presente que a mulher ainda busca espaço para se firmar como atleta, transitando vias enigmáticas, pois, quando se fala sobre o futebol feminino no Brasil, grande parte das histórias são atravessadas por preconceitos e dificuldades (Ferreira *et al.*, 2021). Nesse sentido, por intermédio de olhares sociais, aparenta-se que a mulher está indo de encontro ao seu princípio biológico, isto é, como se estivesse falhando como mulher, denotando, desta maneira, um pensamento anacrônico.

Nesse contexto, importa-nos sublinhar que, apesar de terem um placar desfavorável para a sua permanência no desporto, existe uma chama que parece aquecer os seus corações. Pois, apesar de todos os revezes que elas receberam e recebem, elas demonstram que fizeram de cada fala desmotivadora e preconceituosa, de cada porta fechada, um trampolim para continuar apaixonando-se pelo referido esporte.

Ser praticante de um esporte que historicamente é masculinizado, e que diante de lentes atuais ainda é rotulado como um poleiro de homossexualidade não é uma tarefa fácil. Ainda assim, as participantes da pesquisa optaram por adotar a prática do Futebol como uma parte constituinte do seu

estilo de vida e/ou como meio para fugir da realidade, justificando não apenas as suas reivindicações por melhorias no acesso e promoção da referida modalidade esportiva, como até mesmo no desejo de envolver-se profissionalmente com ela, tal como ilustrado no relato abaixo:

[...] eu quero ter um projeto na minha Universidade que envolva tanto a comunidade, que traz pra escola no futsal, principalmente no feminino, traga para dentro da faculdade. Mas se daqui 5 anos eu estiver dentro de uma sala de aula eu quero ser uma incentivadora do esporte, eu quero principalmente no futebol ou futsal feminino, que é a minha base, é a minha referência (Sis).

Sintomaticamente, nos chama a atenção a preocupação que as atletas têm de querer dar um trato pedagógico para o esporte, corroborando com os dados encontrados por Follmann, Schwegber e Brachtvogel (2020), cujas participantes (três mulheres que jogam futsal regularmente), apontaram que a escola deveria representar o primeiro espaço público destinado para enriquecer as experiências corporais e esportivas de todos e todas, indistintamente, intentando promover transformações no cenário marcado por uma histórica desigualdade de gênero.

Observe-se, ainda, que o desejo das participantes do grupo focal transcende as instituições educacionais, uma vez que o acesso às práticas corporais esportivas e de lazer são um direito de todos e todas, e que além do meio escolar ou mesmo acadêmico, projetos esportivos fora destes espaços (visando promover tal acesso) pode ser profícuo para incentivar mais mulheres a praticarem Futebol.

## **Considerações finais**

O presente estudo abordou como temática central a vivência das mulheres no futebol, tendo em vista que há grande representatividade para o Brasil, considerado popularmente como o país do futebol. Entretanto, se analisarmos a história desse esporte no Brasil poder-se-ia dizer que o Brasil é o “país do futebol masculino”.

Os resultados apontaram que o processo de iniciação das participantes desse estudo no futebol não é resultante de projetos propostos por responsáveis do poder público no contexto tocantinopolino, nem mesmo do chão escolar, pelos professores de Educação Física, mas, dos espaços das ruas, cuja prática é construída por uma hegemonia masculina.

De forma sintomática, verificamos que o prosseguimento das atletas neste esporte é atravessado por um espectro de objeções que, ora se tornam desmotivadores, ora se tornam uma motivação extra, convidando (exigindo?) as atletas a adotarem uma postura de resiliência para não esmorecer frente ao conjunto de resistências impostas por parte dos membros dos seus próprios lares, da escola e demais

instituições sociais. Logo, em que pese as dificuldades encontradas, pode-se conjecturar que o amor que elas sentem pelo esporte e a referida postura de resiliência não deslegitimam a sua presença nos espaços correlatos à sua prática, mas, ao contrário, faz com elas reúnam forças para garantir o seu direito de continuar praticando-o intensamente.

Os resultados indicam, ainda, que, apesar do futebol feminino estar ganhando novas adeptas, o desporto amador ainda tem muito a avançar, não apenas no que tange a realização de campeonatos destinados para elas, incluindo as devidas premiações, mas também ser verdadeiramente abraçado, recebendo a assistência que é destinada para o público masculino, tal como, ter escolinhas para outras meninas serem incentivadas, ter um espaço e horário reservado nas quadras públicas, além de aulas de Educação Física que sejam mais democráticas, isto é, que valorizem a participação igualitária de meninos e meninas.

Em contas finais, é preciso ter presente que o estudo possui lacunas em relação ao quantitativo de mulheres que praticam futebol para melhor representação do contexto tocantinopolino. Ademais, fica como sugestão tal consideração para futuros estudos, inclusive, com o olhar voltado para as especificidades da instituição escolar, isto é, sua abordagem nas aulas de Educação Física.

Por fim, espera-se que os resultados apresentados possam contribuir para refletirmos sobre a realidade das mulheres no cenário nacional, visando, em última instância, trazer pistas para (re)pensarmos na necessidade de melhorias para quem ainda luta para estar em um espaço no qual realmente deseja estar, tal como as quadras e campos de Futsal e Futebol, respectivamente. Afinal, lugar de mulher é onde ela quiser.

## **Referências**

ALTMANN, H.; REIS, H. H. B. (2013). Futsal feminino na América do Sul: trajetórias de enfrentamentos e de conquistas. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 03, p. 211-232.

BARDIN, L. (2016). **Análise de conteúdo**. Tradução Luiz Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70.

BETTI, M. (1991). **Educação Física e Sociedade**. São Paulo: Movimento.

BORGES, C. N. F. et al. (2006). Resiliência: uma possibilidade de adesão e permanência na prática do futebol feminino. **Movimento**, v. 12, n. 1, p. 105-131.

BRACHT, V. (1997). **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister.

CORRÊA, L. S.; SILVA, N. R. S.; MASULLO, R. V. (2015). Futsal: a questão do gênero feminino na modalidade esportiva praticada em uma escola do ensino médio de Manaus-AM. **Revista acta brasileira do movimento humano**, v. 5, n. 3, p.1-9.

- DAMO, A. S. (2007a). A dinâmica de gênero nos jogos de futebol a partir de uma etnografia. **Revista Gênero**, v. 7, n. 2, p. 137-152.
- DAMO, A. S. (2007b). A rua e o futebol. In: STIGGER, M. P.; GONZÁLEZ, F. J.; SILVEIRA, R. **O esporte na cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos**. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- DAOLIO, J. (2000). As contradições do futebol brasileiro. In: Carrano, P. C. R. (org.). **Futebol: paixão e política**. Rio de Janeiro: DP&A.
- FERREIRA, J. R. L. *et al.* (2021). Perspectivas sobre as mulheres no campo do futebol/futsal feminino: o que as pesquisas nos periódicos nacionais evidenciam. **Motrivivência**, v. 33, n. 64, p. 1-14.
- FERRETTI, M. A. C.; KNIJNIK, J. D. (2007). Mulheres podem praticar lutas? Um estudo sobre as representações sociais de lutadoras universitárias. **Movimento**, v. 13, n. 1, p. 57-80.
- FOLLMANN, A. P.; SCHWEGBER, M. S. V.; BRACHTVOGEL, C. M. (2020). As experiências corporais de mulheres que jogam futsal: família, grupo de pares, escolinhas esportivas, educação física escolar. **Pensar a Prática**, v. 23, n. 1, p. 1-23.
- FRANZINI, F. (2005). Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista brasileira de história**, v. 25, n. 50, p. 315-328.
- GATTI, B. A. (2005). **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Liber Livro Editora.
- GOELLNER, S. V. (2003). **Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica**. Ijuí: Editora Unijuí.
- GOELLNER, S. V. (2005). Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**. São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151.
- GUIRRA, F. J. S.; ALMEIDA, J. V. (2015). Análise da percepção de jogadores de futebol amador sobre mulheres que praticam o futebol. **Pensar a Prática**, v. 18, n. 3., p. 625-635.
- JARDIM, J. G.; BETTI, M. (2021). “Puro preconceito! Vem de brinde com a bola!”: o tabu da (homo) sexualidade em uma equipe de futsal feminino. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 35, n. 2, p. 249-262.
- MORAES, E. V. (2014). **Fazendo gênero e jogando bola: Futebol feminino na Bahia anos 80-90**. 1ª edição. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia.
- MOURA, E. L. (2005). O futebol como área reservada masculina. IN: DAOLIO, J. **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas: Autores Associados.
- MOURA, G. X. *et al.* (2017). **Mulher e esporte: o preconceito com as atletas de Rugby da cidade de Maringá-PR**. *Motrivivência*, v. 29, n. 50, p. 17-30.

OLIVEIRA, V. A. (2014). **Periguetes, sapatões e mulherzinhas:** (des) construindo o que é “ser mulher” no campo de futebol. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Goiânia, UFG.

PRODANOV, C. C.; DE FREITAS, E. C. (2013). **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico-2ª Edição.** Novo Hamburgo: Feevale.

RUBIO, K.; SIMÕES, A. C. (1999). De espectadores a protagonistas: a conquista do espaço esportivo pelas mulheres, **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 5, n. 11, p. 50-55.

SALVINI, L.; MARCHI JÚNIOR, W. (2016). “Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 30, n. 2, p. 303-311.

SARDINHA, E. M. (2011). A estrutura do futebol feminino no Brasil. **Revista Hórus**, v. 5, n. 1, p. 93-112.

SOUZA, A. C. F.; MARTINS, M. Z. (2018). O paradoxo da profissionalização do futsal feminino no Brasil: entre o esporte e outra carreira. **Pensar a Prática**, v. 21, n. 1, p. 26-39.

SOUZA, A. L. et al. (2011). Análise do Futebol no Brasil como um fenômeno sociocultural. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, v. 16, n. 159, p. 1-7.

SOUZA, M. T. O.; CAPRARO, A. M.; SILVA, M. M. (2017). Habilidosas e bonitas: as considerações de duas atletas de futebol sobre a formação de suas identidades. **Movimento**, v. 23, n. 3, p. 883-894.